

Como peregrinos percorramos junto com Jesus e com os irmãos a aventura do espírito

Don Franco Di Natale

*Temos o que procuramos. Basta que o sigamos.
Existe desde sempre e se lhe dermos tempo
revelar-se-nos-á*
(Thomas Merton).

*Ninguém pode parar no caminho porque a vida
impele-nos de dentro* (C. Maria Martini).

1. Introdução: o contexto de referência

- a) A Exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, leva a refletir sobre uma das categorias mais investigadas e aprofundadas: a vida dos crentes como caminho, como peregrinação para a pátria celeste.
- b) A cultura hodierna não desdenha de usar o tema da peregrinação, na esteira da literatura clássica.
- c) Também a cultura teológica hoje está muito atenta à consideração do tempo da Igreja caracterizado por uma clara consciência peregrinante e por uma forte tensão escatológica.
- d) A mesma prática da peregrinação deve ser relida com os critérios pastorais típicos da Nova Evangelização.
- e) O Lema do Reitor-Mor indica um “caminho de Interioridade e de Espiritualidade que nos permita viver acompanhados pelo Espírito”, um caminho que ajude a compreender o que pode significar percorrer uma aventura no Espírito, um caminho que nos encontre envolvidos “juntos”.

2. A experiência do homem bíblico

Toda a experiência de fé descrita nos textos da Sagrada Escritura é atravessada pela categoria do peregrinar, do caminhar, do fazer uma viagem, do ir para um lugar.

a) O Antigo Testamento

O caminho de Adão e Eva, depois do pecado original.

A história de Abraão, “arameu errante” (Dt 26,5).

A longa peregrinação do antigo povo de Deus que percorre os caminhos do Êxodo

A mesma experiência da peregrinação nas três mais importantes festas litúrgicas do ano hebraico, a Páscoa, o Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos (festas ditas de peregrinação) (cfr. 2Re 23 e Dt 16,1-17).

b) O Novo Testamento

O prólogo de S. João exprime a convicção de que Deus caminha no meio de nós e guia o percurso daqueles que querem contemplar a luz da glória de Deus.

O evangelista Lucas fala da grande viagem de Jesus para Jerusalém.

O livro do Apocalipse imagina o discipulado como uma grande viagem.

3. A imagem pastoral e a ideia do peregrinar

A figura bíblica do pastor que conduz no caminho é paradigmática para a compreensão da ideia do peregrinar dos discípulos.

O Deus dos nossos pais é o pastor que cuidou sempre deles, o Deus fiel às promessas feitas aos Antepassados.

O *Salmo 23* exprime não só a certeza de que Deus guia o seu povo, mas também a convicção de que Deus é o salvador que preserva dos constantes perigos a que está sujeito o rebanho de Deus.

O *Salmo 80* no seu início: «Tu, pastor de Israel, escuta, tu que conduzes José como um rebanho» (*Sal 80,1*) revela a atitude orante do povo de Deus, que reconhece a fidelidade de Deus e a Ele se entrega com total confiança, enquanto exprime dramaticamente a penosa situação a que o povo se vê forçado. A imagem do «pastor» recorda expressamente o caminho do êxodo.

Marcos no capítulo sexto, depois da narração do martírio de João Batista e antes da multiplicação dos pães, exprime a compaixão do Mestre ao ver a multidão que não se cansa de O seguir ao longo do caminho. O Evangelista exprime o advento da hora definitiva da salvação. Jesus, novo Moisés, com a sua palavra e o pão da abundância, conduz o novo Israel à salvação.

João no capítulo décimo, aplica a si mesmo a imagem do Pastor que conduz o seu rebanho: “Eu sou o Bom Pastor”. Os discípulos seguem-n’O cheios de confiança e de esperança.

4. Ser peregrinos hoje

4.1. Perspetivas pastorais

Numerosos autores têm estudado as diversas tipologias de peregrinação indentificando algumas das suas características que podem ser sintetizadas assim: a vontade de percorrer os caminhos em que se realizou a história da salvação; o desejo de celebrar as maravilhas operadas por Deus e de as reviver no culto litúrgico ou nas devoções populares; a necessidade de realizar um itinerário penitencial capaz de renovar a própria vida, de intensificar o desejo de renovação; a exigência de exercer a caridade de modo simples e eficaz; a aspiração de viver em solidão para descobrir o Único necessário; a necessidade de viver uma experiência de solidariedade, de comunhão e de fraternidade com quem divide parte do caminho.

A sensibilidade pastoral de hoje sugere alguns cuidados que a pessoa do peregrino deverá ter. Em primeiro lugar, a consciência da própria humanidade. Em segundo lugar, é necessária uma clara consciência da meta. Além disso, torna-se fundamental a necessidade de romper com o passado. A necessidade de partilhar constitui uma prerrogativa fundamental. E, por fim, deve dar-se grande importância ao momento de regresso à normalidade da vida.

4.2. Perspetivas salesianas

O tema da peregrinação realça alguns aspetos do nosso carisma que queria recordar:

4.2.1. A experiência histórica do nosso Pai Dom Bosco

Gostamos de olhar para Dom Bosco não como um homem frio, duro, seguro das suas convicções, mas como um homem da palavra dialogante, do caminho tenaz mesmo se por vezes incerto.

4.2.2. A oferta de itinerários de educação à fé em clave experiencial

A nossa préxis pastoral é particularmente sensível à proposta de caminhos, itinerários de educação à fé.

4.2.3. A descoberta de uma exigência fundamental: a abertura ao mistério do transcendente, o interesse pela interioridade

É necessário não esquecer que o peregrino olha para o horizonte, contempla o absoluto, sonha, evita a rigidez, do tudo estabelecido e programado. O lema do Reitor-Mor, segunda a dimensão do caminho até aqui exposta, leva-nos a valorizar a linguagem simbólica, que nos permite falar de Deus de modo experiencial, do amor; recorda-nos a necessidade da interioridade, a certeza de que Deus habita no mais fundo do nosso coração. Abre-se um caminho que termina no encontro com Deus e que apela para a necessidade de sermos testemunhas coerentes.

4.2.4. L. A dimensão comunitária da nossa fé de discípulos a caminho

É necessário não esquecer que a peregrinação leva a descobrir “irmãos”, “companheiros de viagem” que não pertencem ao sangue: são irmãos de fé e de sonhos, fazem experiência não de uma fraternidade passiva, inconsistente, mas de uma fraternidade a construir, pela qual apaixonar-se, pela qual vale a pena fazer qualquer sacrifício.

5. Conclusão